

Bolsas foram marcadas por clima de tranqüilidade

10-1-1992

A notícia sobre o acordo da dívida externa brasileira com os bancos privados foi bem recebida pelo mercado financeiro, mas como as bolsas de valores sempre antecipam os fatos — e, por isso, os índices fecharam em alta nos últimos pregões — as cotações não chegaram a subir muito ontem. No Rio, o mercado chegou a abrir com alta de 2,7%, mas o IBV fechou com com alta de apenas 0,3%. Em São Paulo, a alta inicial foi de 3,4%, porém o Índice Bovespa acabou fechando em queda de 1,2%.

Para o presidente da Bolsa de Valores do Rio, Carlos Reis, o acordo da dívida é no mínimo importante porque representa a normalização das relações do Brasil com a comunidade financeira internacional.

—No caso do mercado de capitais, isso não é suficiente, entretanto, para estimular os investidores estrangeiros, já que falta ainda uma solução para a crise política e a aprovação da reforma fiscal. Numa análise preliminar, as empresas exportadoras, do setor elétrico e a Petrobrás, que têm dívidas com os bancos privados, deverão ser beneficiadas”.

Ontem, os negócios ficaram estáveis, totalizando Cr\$ 86,8 bilhões no mercado carioca e Cr\$ 242,4 bilhões no paulista.



Reis: crise política ainda atrapalha

Outro fator positivo apontado pelos corretores foi a demonstração de apoio dos empresários ao ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, no jantar realizado anteontem em São Paulo. Para Fábio Nahoum, diretor do Banco Votorantim, esta demonstração repercutiu bem no exterior, porém ainda não é suficiente para estimular o apetite dos investidores estrangeiros.

Por causa da queda em junho, o valor de mercado agregado das 599 empresas da Bolsa do Rio caiu 27,57% em relação a maio.

Notícia não altera cotação de títulos

HELOISA VILLELA
Correspondente

NOVA YORK — O mercado secundário de Nova York, onde são negociados os títulos da dívida externa brasileira, recebeu com frieza o anúncio do fechamento de acordo para o reescalonamento da dívida externa. A cotação dos papéis abriu e fechou o dia no mesmo patamar: US\$ 0,35 para cada dólar emprestado. O mercado já esperava a notícia, e anda mais preocupado com a necessidade de ajustes na economia brasileira do que com a reestruturação do débito externo.

— O anúncio do acordo é um fato, não é um boato — brincou um operador de Wall Street, dizendo que os boatos movimentam mais o mercado.

Um analista de Nova York afirmou que ainda existe muito pessimismo com relação ao futuro da economia brasileira.

— A crise política está ofuscando todo o resto — disse o analista, que pediu para não ser identificado. A respeito da fraca reação do mercado, ele disse que o mercado já se antecipara ao anúncio do fechamento do acordo na semana passada.

Dólar fecha o dia a Cr\$ 3.920 no paralelo

O dólar paralelo fechou cotado a Cr\$ 3.870 para compra e Cr\$ 3.920 para venda nas casas de câmbio, com alta de 0,5% no dia. Apesar do anúncio do fechamento do acordo da dívida externa com os bancos credores, os investidores aumentaram a procura pelo ouro.

O grama do metal fechou cotado a Cr\$ 43.260 na Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F), com alta de 1,15%. Foram negociados Cr\$ 524,1 bilhões, movimentando 12,2 toneladas do metal.

No mercado de juros o dia não registrou anormalidades. Os certificados de depósito bancário (CDBs) de 32 dias foram negociados a 1.162% ao ano, o que representa ganho de 25,28% até o vencimento dos títulos e antes dos impostos.

Hoje o Banco Central divulga a Taxa Referencial de Juros (TR) de julho. Até agora, a TR está mantida em 23,6%. No **overnight**, o Banco Central tomou dinheiro das instituições a 30,59% e depois tomou dinheiro de hoje para segunda-feira a 30,59%. O objetivo do Governo é sustentar os juros, evitando que eles caiam.